

**Olhares sobre o patrimônio móvel missioneiro:
considerações de um franco-brasileiro e sua importância para os
inventários contemporâneos**

Ronaldo Bernardino Colvero

Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA), São Borja, Rio Grande do Sul, Brasil
Universidade Federal de Pelotas (UFPEL), Pelotas, Rio Grande do Sul, Brasil

 <https://orcid.org/0000-0003-2958-8656>

E-mail: rbcolvero@gmail.com

Rodrigo Ferreira Maurer

Doutorando em História – Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), Santa Maria, Rio Grande do Sul, Brasil

 <https://orcid.org/0000-0002-5778-303X>

E-mail: ferreiramaurer@bol.com.br

Resumo: A proposta situa experiências e fatos que possam indicar o aproveitamento, uso e manejo de bens móveis da arte sacra missioneira de São Borja – Rio Grande do Sul/Brasil. O conteúdo a ser retratado faz uso das crônicas de um personagem oitocentista – João Pedro Gay, franco-brasileiro, vigário que dedicou seus ofícios na localidade por duas décadas e meia (1849-1874). Por fim, faremos uma análise contextual das reflexões aferidas por aquele, junto à sociedade, com vistas a lançar uma dialética ao descaso ainda assente aos dias contemporâneos.

365

Palavras-chave: História da Arte Jesuítica; Imaginárias Missioneiras; Educação Patrimonial.

Viewpoints on the mobile missionary heritage: considerations of a French-Brazilian and its importance for the contemporary inventories

Abstract: The proposal places experiences and facts that may indicate the profiting, usage and management of movable assets of the missionary sacred art of São Borja - Rio Grande do Sul. The content to be portrayed makes use of the chronicles of a nineteenth century character - João Pedro Gay, French-Brazilian, vicar who dedicated his offices in the locality for two and a half decades (1849-1874). Finally, we will make a contextual analysis of the reflections made by him with the society in order to launch a dialectic to the disregard still rooted on the contemporary days.

Keywords: History of Jesuitic Art; Missionary Imaginaries; Patrimonial Education.

Texto recebido em: 19/08/2019

Texto aprovado em: 19/05/2020

O descaso ao olhar: análise inicial ao problema e ao sujeito principal das suas observações

Tudo falta nestas frg^{as}. da fronteira, as Igrejas estão em ruínas, não há paramentos nellas, os cemiterios são campos abertos, não se celebrão feitos, a disciplina eclesiasticas esta em abandono, precisa de muita atividade, de muita paciencia, de muita virtude de muita prudencia para poder reanimar se posso dizer.¹

Por cerca de um século e meio, a Companhia de Jesus teve a oportunidade de desenvolver, junto às populações ameríndias, uma relação artística que pode ser avaliada em algumas localidades mundo afora. Aos traços do barroco constituiu-se um modelo de arte. Por vezes, surpreendemo-nos com o arrojo de suas proposições e é muito comum admiti-las como peças únicas, haja vista a individualidade que as abarca enquanto arte. Noutras oportunidades, constata-se uma recorrência em contextualizá-las como resultado de um alvorecer artístico do homem “civilizado”. Mas a quê, de fato, poder-se-ia atribuir tais projeções?

Acreditamos que o uso desse discurso é frequentemente repassado com o intuito de fragmentar a totalidade compreendida à época, contudo, é tão insustentável quanto tentar projetar uma estimativa daquilo que chegou a ser produzido.

Na opinião de Guillermo Furlong, as reduções indígenas teriam produzido em torno de duas mil imagens com fins escultóricos. (FURLONG, 1933, p. 92). Essa estimativa, por sua vez, foi rebatida por Josefina Plá – especialista da temática artística – que chegou a solicitar que os investigadores da “arte” dobrassem os números apresentados por Furlong (PLÁ, 1975, p. 107), haja vista a quantidade e a diversidade de protótipos desenvolvidos dentre aquelas comunidades do universo “barroco guarani”. Em contrapartida, Wolfgang Hornisch, contrapõe as observações anteriores e conclui que tratar-se-ia de cerca de mil produções de escultura somente nos Sete Povos das Missões. (Apud. MEYER, 1960, p. 279).

Seja como for, o fato é que, dentre os números apresentados, muito raramente se observa uma tentativa que leve em conta as estatuárias, que perderam-se as estimativas. Ao mesmo tempo, não são poucos os registros em referência a tais afrescos – tanto aos registros oficiais e officiosos de época – quanto ao imaginário mantido no tempo imediato. Cabe também, notar que em termos esquemáticos esse contexto é demasiadamente especulativo – uma vez que –

qualquer que seja a tentativa, a mesma não passará de uma introspecção simbólica para objetos que supostamente deixaram de conter alguma importância de resguardo. Quem analisa seus efeitos é favorável a concordar que faltam novos esquemas de análise, que possam situar explicações para um aproveitamento continuado dos patrimônios.

Feitas as apresentações iniciais, a análise consiste em situar a mobilidade dos bens móveis da arte sacra missioneira, tendo em conta os registros de um agente oitocentista – João Pedro Gay – francês, vigário², que exerceu seus ofícios na “pacata, porém, ordeira villa de São Borja”.³



Fonte: Projetos Itinerários Culturais do Mercosul. Quando a geo-história avança sobre os significados de um espaço urbano: as paisagens culturais e as transformações identitárias da fronteira Brasil - Argentina. In: PINTO; MAURER, 2014, p. 135-158.

FIGURA 1

Trinta povos da Província Jesuítica do Paraguai

O conteúdo, retratado por intermédio das crônicas do sujeito em questão, expõe o espaço público que a cristandade assumia para com os homens do século XIX. (ALTOE, 1993; BROWN, 1999; CASTELNAU L'ESTOILE, 2000). Suas interpretações, salvo alguns descomedimentos pessoais, mantinham ao contorno da notícia uma determinação atemporal. Doravante, não chegam a recompor uma distância equivalente aos fatos que registrou. Isso, ao nosso ver, estabelece uma zona de pertencimento sobre algo que já parecia conter um declínio regular ou uma decadência recorrente ao imaginário dos seus pares paroquianos.

Não obstante, as informações utilizadas, oriundas de apontamentos, de telegramas, de rascunhos e aproveitamentos de resenhas que o religioso redigiu,⁴ com intuito de chamar a atenção das autoridades competentes para um problema que se mostrava ascendente ao seu tempo e origem. E, pensar o surgimento e os fins desse modelo, permeia a temática da não conservação. E nestas condições, é possível advertir que a proposta não foi formulada visando condensar conceitos patrimoniais, nem está preocupada em atualizar assuntos recorrentes à história da arte. O que se quer de fato é difundir as experiências retratadas por um personagem que se dedicou a incursionar nos antigos povoados, com o objetivo de salvaguardar o acervo. E ao âmbito desse estudo, suas descrições qualificam os valores inconscientes a um descaso que ainda se mantém comumente adaptado e confundido ao século XXI, inclusive se avalariarmos o descuido que se tem para com a cultura material ou daquilo que poderíamos considerar como os patrimônios móveis missioneiro.

Da mobilidade do acervo às considerações em torno de um retábulo missioneiro: Situações de momento

É muito pobre a nova igreja de São Borja se bem que o padre Gay tenha tido o cuidado de nela reunir todos os objetos de arte jesuítica que tenha podido ajuntar, na vila e pelas aldeias vizinhas. Vêm-se ali muitas imagens de santos de madeira pintada, alguns do tamanho natural; missais impressos em Madrid há cerca de 150 anos; e, o que mais valor tem, belas pias batismais inteiriças. Porém o mais notável monumento da indústria que os jesuítas tinham desenvolvido nestas regiões são quatro grandes sinos fundidos, segundo indicam as legendas, em 1723 em San Carlos (Oppido Caroleo), povoação que hoje é argentina. (CONDE D'EU, 1981, p. 115)

Estudos bastante completos e atualizados, sobre a arte jesuítica-guarani e seus estilos, seguem sendo realizados à exaustão. Sob uma perspectiva geral, os interesses de investigação concentram-se desde sempre em desvendar as temáticas que regulavam a técnica e o sentido cultural mantido à labore – numa relação de mestre e aprendiz. (MAEDER, 1970, p. 99-114; NUNES, 1982-1983; BAYÓN; MURILLO, 1989; THEODORO, 1992; BURUCÚA, 1993; GUTIÉRREZ, 1995; PATRIMÔNIO..., 1999; OLIVEIRA, 2004; BALDOTTO; PAOLILLO, 2004; SUSTERSIC, 2010). Em grande medida, os argumentos sustentam um binômio regular, que vai da glória (o resultado alcançado na confecção de uma dado patrimônio) ao desgaste (de modo a demonstrar uma perda – seja esta entendida ao contexto de identidade ou de valor apregoado aos objetos, compreendida-se por um sentimento de pertença). A julgar pelas necessidades, falta estabelecer um elo que interligue as propostas, sem descaracterizar o sentido de continuidade aos pontos por ora mantidos.

Em termos gerais, as análises que colocam em pauta os patrimônios móveis são revigorados de modo a promover explicações aos seus contornos, formas e usos. No que diz respeito aos relatos de Cônego Gay, tais ornamentos continham uma memória contemplativa. Para melhor demonstrar esse argumento, eis as condições oferecidas ao seu olhar nos idos de 1850; assim retratados em correspondência ao então Presidente da Província de São Pedro do Sul, o senhor José Antônio Pimenta Buenos.

H^{mo} e Ex^{mo}Snr

Cumprindo com minhas obrigações parochiaes, cheguei ultimamente até o antigo povo de S. Luiz que faz parte desta freguezia o qual achei muito arruinado e tive o desgosto de ver a magestosa Igreja que alli estava levantada quazi reduzida á um montão de ruinas. As paredes estão ainda em pé, porém em tal estado de degradação, que de repente tudo ha de cahir. Entretanto encontrei ainda na dita Igreja alguns objectos que podem (ainda) ser uteis e que sem duvida hão de se perder se se descuidarem de os porém promptamente a'salvo. Por isso, tenho a honra de pedir á V^a. Ex^{ia} que se digne conceder-los á esta Matriz de S. Borja que se esta edificando e qual d'ellas ha de precisar; d'esta maneira se evitara maior despeza. Os objectos que peço á V^a. Ex^{ia} para a matriz de São Borja e que se achão em São Luiz são: 1º Dous retablos; 2º um lavatorio de sacristia completo; 3º Tres pias, das quaes uma de baptismo duas de agoa benta; 4º um sino dos tres que alli se achão 5º Algumas Imagens de Santos; 6º umas cadeiras de espaldar para os sacerdotes que servem ao Altar. 7º Enfim uma pedra d'aro, umas portas para a nova Matriz, alg^{as} lages e alg^{ns} outros objectos que podem servir se ha possibilidade de as poder conduzir até esta villa. Tenho a doce esperanza de que V^a. Ex^{ia} se dignará conceder á matriz de São Borja, os objectos que acima referi e que sem isso

ficarão perdidos. A villa de São Borja as aproveitará e por este novo benefício feito á Igreja que estou parochiando, V^a. Ex^{ia} adquirirá mais um titulo poderoso para minha gratidão. (A.H.R.G.S. AR 12 Maço 24 Clero Católico - Paróquias. Oficio realizado na Villa de S. Bojra, 29 de agosto de 1850).

Imediatamente sobressai, do conteúdo desse telegrama, que a perspectiva apresentada pelo vigário consistia em chamar à atenção para as práticas um tanto quanto costumeiras de época. Para tanto, seus interesses aos patrimônios materiais e móveis dos antigos povos missioneiros despontou em decorrência de um possível reaproveitamento dos mesmos, ao ornamento da igreja de São Borja – que para a oportunidade encontrava-se em compasso de restauro⁵. Incansavelmente, o francês fez consideráveis revelações ao contexto de fundo, inclusive alguns documentos deixam entrever uma preocupação para com o ornamento, que poderia competir à mesma no que diz respeito a um possível aproveitamento de peças, que estariam dispersas nos demais povos da margem esquerda do rio Uruguai:

Il^{mo} Ex^{mo}Snr

Cheguei na antiga Villa de S. Luiz de Real Bragança que faz parte desta freguesia. Achei este antigo Povo o mais conservado dos da margem oriental, se exceptuar esta villa d S. Borja, muito arruinado, varias casas cahirão, muitas ameação cahir bem que estejam ainda em pé. O collegio que ainda tem alg^{ns} quartos bastante conservados, não esta melhor em sua totalidadee do que os quartos da praça, aonde residião os Indios que ameaça ruinas em quasi todos os edificios. Não existem mais ahi alfaias, só hai imagens de Santos, quasi todas mutiladas. Eu tinha Comissão do Inspector da Thesouraria desta Provincia de fazer juntamente com o Colletor desta villa a avaliação dos objectos em S. Luiz existentes o que acho que vale alg^a cousa e de que se pode tirar proveito são as talhas. Já perderão-se mais de vinte mil porém existem ainda muitos e se o Governo d'ellas não dispor brevemente todas se perderão como aconteceu nos outros povos. Isso mesmo officio ao Inspector da Thesouraria nesta data. Em quanto ao rico retablo que ahi existia, já esta arruinado e sera mui perigoso para a vida dos trabalhadores que ententassem demancha-lo. As imagens existentes bem que imperfeitas poderão term alg^m valor se existissem em Porto Alegre ou no Rio de Janeiro, de mesmo que as columnas das varandas, porém no lugar aonde ellas se achão, não hai quem queira dar nada por ellas, e o frete para seu transporte excederia o seu valor intriseco. [...] De S. Luiz passei à S. Lourenço desta parochia tambem. Este povo esta inteiramente em ruinas, ficando só alg^{uns} quartos do Collegio em pé. Doe o coração vendo cahidas, quebradas esculturas, formosas columnas redondas etc. Continuei a minha visita até a antiga Capella de S. Francisco de Assis, e d'ahi me recolhi à esta villa em 2 do corrente.

Deus Guarde à V. Ex^{ia} muitos annos.

Villa de S. Borja, à 6 de fevereiro de 1853.

Il^{mo} Ex^{mo}Snr D^r João Vieira Causamão de Sinimbú, dig^{mo}
Presidente desta Provincia de S. Pedro do Rio Grande do Sul.

O Vigário: João Pedro Gay. (A.H.R.G.S. AR.12 Maço 24 Clero Católico – Paróquias).

Por óbvio, pensar o descaso reverte potencialmente a um sentimento de impotência e, consecutivamente, faz com que interroguemos ao nosso próprio tempo: O que, de fato, estamos alcançando, quando nos mostramos pacientes a uma política de conscientização patrimonial? Simpatizamos com o fato de que algumas situações dessa natureza deveriam ser o ponto de partida para qualquer investigação que procure explorá-los para fins de um inventário. Aliás, já não é novidade alguma advertir que “o trabalho de inventariar a imaginária missioneira é, ainda hoje, extremamente difícil pela dispersão das peças, pelo desconhecimento de sua localização e pela discrepância das informações coligidas, tanto na história oral, como na bibliografia existente” (VIEIRA; COUTINHO, 1993, p. 39).

Para além disso, o que há é uma incerteza naquilo que se está catalogando, haja vista que jamais saberemos se o fato que se registra hoje condiz com a potencialidade das peças que os documentos insistem retratar com rara originalidade:

Il^{mo} Ex^{mo}Snr

Recebi o officio que V. Ex^{ia} foi servido dirigir-me com data de 4 de Abril ultimo, no qual V. Ex^{ia} me diz que havendo a Camara Municipal da villa de Cruz-Alta por officio de 12 de Janeiro deste anno, representado à Presidencia, que nos Povos de S. João, S. Miguel, S. Lourenço e S. Luiz existem muitas santas Imagens expostas ao tempo e à irreverencia, por causa da total ruina dos Templos e casas em que forão recolhidas, ou sob a guarda de algum Indio, que nem smpre pode vedar que alguns particulares d'ellas se apoderem, como já tem acontecido, e que no Povo de S. Luiz ha tambem altares portateis qua ainda se podem aproveitar, e por isso pede a mesma Camara permissão para fazer transferir para a dita villa essas Imagens e Altares, à fim de serem ali convenientemente depositadas, cumpre que eu informe à semelhante respeito.

Sobre as santas Imagens que existem nos Povos de S. João e de S. Miguel, nada posso informar à V. Ex^{ia} porque como estes dous Povos não tem feito no meu tempo e não fazem parte da parochia de S. Borja nunca os visitei.

Em quanto aos Povos de S. Lourenço e de S. Luiz, existem verdadeiramente n'elles Santas Imagens que por causa da total ruina dos Templos forão recolhidas nas melhores casas dos Povos e confiadas à guarda dos seus commandantes e mesmo de algum Indio. A este respeito, officiei à Presidencia da Provincia em 29 de Agosto de 1850, em 7 de Janeiro de 1852, e em 6 de fevereiro de 1853 dirigi a Inspector da Thesouraria da Provincia e varios à vigararia Geral e ao Bispo Diocesano. As ditas Imagens, com poucas excepções, são em triste estado e mutiladas. Recentemente S. Ex^{ia} Rev^{ma} me ordenou de fazer queimar aquellas que são irreverentes, más ainda não me foi possivel depois que o mau estado destas Imagens não provém de estarem actualmente expostas ao tempo e

asseverar à V. Ex^{ia} que os moradores e sobretudo os Índios as tratão com muita veneração. Pode V. Ex^{ia} sobre parte destas Imagens ou sobre todas ellas tomar determinação que julgar conveniente, más julgo que se se mandarem transferir todas ellas os moradores dos Povos e sobretudo os Índios, ficarão descontentes.

Em S. Luiz realmente não existem outros Altares senão o Altar-mor ainda collocado em seu primitivo lugar. Apesar de ser arruinado estou que elle poderia ainda se aproveitar para a Matriz nova de S. Borja que esta em construção, se houvesse fundos para o fazer transferir para esta villa. Tomo a liberdade de pedir à V. Ex^{ia} que se digne autorisar a Camara Municipal de S. Borja à fazer esta despeza. Na casa aonde estão depositadas as Santas Imagens e aonde nos domingos e dias de Festa se reúnem os Índios para rezarem, existe um altar lateral que pertenceo antigamente ao Templo, más creio que elle é incompleto.

Havia um Altar portatil em S. Luiz, que em virtude das autorisações que eu tive da Presidencia em 17 de Dezembro de 1850 e de 3 de Março de 1852, mandei vir para S. Borja em Novembro de 1854. Fiz-o restaurar e collocar no Oratorio que servio de Imperio para a Festa do Espirito Santo e ahi elle se acha, conservando-se decentemente e com esmero debaixo de minhas vistas, até que elle possa se transferir para a nova Matriz.

Posto que em o officio à que tenho a honra de responder a V. Ex^{ia} não me diga nada sobre as Imagens do Povo de S. Nicolau, não dusarei por isso de participar à V. Ex^{ia} que no dito Povo existe tambem uma porção de Santas Imagens, depositadas em uma casa nova que ahi mandou levantar o Snr Marcehal Andréa quando presidia esta Provincia.

Como noticia à V. Ex^{ia} em 6 de fevereiro de 1853 ainda poderia se tirar algum proveito das telhas do povo de S. Luiz. Todos os dias ellas estão se perdendo com o desmonoramento de uma parte das casas. Em S. Lourenço poucas telhas ficão.

V. Ex^{ia} determinará sobre tudo em sua alta sabedoria. (A.H.R.G.S. AR 12 Maço 24 Clero Católico - Paróquias. Correspondência realizada na Villa de S. Borja, em 19 de maio de 1855. Enviada aos cuidados de João Vieira Causamão de Sinimbú, Presidente da Provincia)

A essa documentação é possível constatar que o religioso conseguiu transportar um altar portátil. Entretanto, nada indica se essa peça poderia ser um dos altares solicitados nos idos de 1850 ou se estaria retratando “ao rico retablo”, que ainda existia em São Luiz em 1853. Dado o desdobramento do conteúdo exposto, bem como as implicações do uso recente como fonte da história, caberia descobrir se o dito altar que Gay transportou corresponderia a um dos afrescos em destaque.

A imagem da esquerda foi amplamente reproduzida na década de 1940 pelo arquiteto Lúcio Costa.⁶ Faz parte de um estudo ou uma espécie de inventário fotográfico, no qual o próprio autor caracterizou como “A arquitetura dos Jesuítas no Brasil”. No que diz respeito à imagem da direita, trata-se de uma foto recente

que retrata o retábulo da Igreja Nossa Senhora da Conceição, mesmo local da constatação de Costa.



Fonte: A imagem em preto e branco foi originalmente publicada na Revista do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Rio de Janeiro, n. 5, p. 105-169, 1941. A imagem colorida, méritos a Fernando Rodrigues.

FIGURA 2

Imagens dos retábulos frontais missioneiros

Entretanto, e na consideração disto, entendemos ser irrelevante chamar à atenção para o fato de que não existe sequer semelhança das imagens, que possa indicar que se trata da mesma peça. Mais improvável ainda, é admitir a qualquer uma das peças em exposição uma proximidade para com o altar “recuperado” por João Pedro Gay. O problema, por sua vez, não se resume aos fatos por ora observados. A esse contexto cabe recorrer às observações inicialmente registradas no inventário de Francisco Burno de Zavala (1768)⁷, pois neste consta o significativo registro de cinco retábulos. Número que se modificou consideravelmente até meados do ano de 1821, quando o então naturalista francês Auguste Saint-Hilaire, narra ter avistado três altares - um que integraria “a nave principal e os outros, as laterais”. (SAINT-HILAIRE, 1997, p. 271) A situação de descaso deliberado foi novamente notada na década posterior, por meio da inspeção de Arsene Isabelle. A este ficou reservada a seguinte descrição:

Duas filas de colunas de madeira dura, de ordem toscana ou rústica, sustentavam a armação no meio e formavam uma nave. Os ornamentos foram levados; não restam mais do que dois altares dos lados, mas encontramos grande parte de ornamentos amontoados confusamente em duas peças laterais, que serviram outrora de sacristia. (ISABELLE, 1983, p. 19 20).

A análise foi dada em 1833 e demonstra que, em seis décadas e meia, a localidade deixou de contar com três altares dentre os cinco constatados inicialmente por Zavala. Curiosamente, o tema dos retábulos é retomado em meados de 1846 pelo bacharel e Juiz de Direito da Comarca, Hemetério Veloso da Silveira, ao registrar um “pequeno altar do tempo dos jesuítas”. (DA SILVEIRA, 1909, p. 313). A este bem já estaria contida a “imagem do padroeiro, o preconizado duque de Gandia e primeiro bispo nomeado para o Brazil” (DA SILVEIRA, 1909, p. 313). Fato que se observa a uma fotografia contemporânea, da década de 1920, da qual pensamos, sinalizar uma aproximação com o contexto arrolado.



Fonte: RILLO, Aparício S.; O'DONELL, Fernando. *Populário São-Borjense*. São Borja: Nova Prova, 2004, p. 46-47.

FIGURA 3

Retábulo frontal com o Padroeiro São Francisco de Borja

Essa imagem, conforme atestam os estudiosos locais, retrata um encontro do “Grupo de Filhas de Maria”. E ao fundo, visualiza-se perfeitamente o mesmo altar-mor, retratado por Lúcio Costa, contudo, contendo o dito santo padroeiro da localidade, o que garante a fidelidade de informação confiada por Veloso. Todavia, não são poucas as recordações populares que legitimam a versão de que, até meados de 1940, a localidade contava com pelo menos um altar principal e dois laterais. E o mais surpreendente nas afirmações é que os ditos altares em nada lembrariam o retábulo que hoje se verifica na localidade.

As informações, salvo qualquer lapso de memória que possam compor o problema, revelam também a importância daqueles patrimônios no imaginário popular. Aliás, observa-se com uma certa frequência uma procura incessante de populares por hipóteses que façam valer a sua importância no curso de uma história que não existe mais. A esse universo de pessoas anônimas são reservados os espaços de maior importância dessa construção do conhecimento, uma vez que deixam surpreender quando das suas interferências. Um exemplo que formaliza essa particularidade pode ser conferido por meio de uma fotografia de 1937, que retrata o matrimônio de Odila Gottfried Klug e Gaspar Prendel, na Igreja Matriz de São Borja (Acervo da família Gottfried Prendel).



Fonte: Acervo pessoal da família Gottfried Prendel.

FIGURA 4

Retábulo frontal com imagens barrocas

Pela fotografia é possível constatar o registro de algumas estatuárias que ainda se encontram à disposição do grande público no Museu Municipal Aparício Silva Rillo⁸. Entretanto, nada sabemos do paradeiro do retábulo que se observa ao fundo. Repete-se aqui mais uma vez que, o altar e a disposição do mesmo em nada lembra os patrimônios das fotos anteriores, embora, se note a presença recorrente das imagens do Santo Ignácio de Loyola e o Senhor dos Passos. Para além dos fatos observados, falta reconhecer em qual momento ocorre a alternância dessas peças e com qual finalidade. E é de modo a fortalecer essa perspectiva, que lançamos luzes sobre o(s) sobredito(s) retábulo(s), pois nele(s) estão contidos a dispersão de um conjunto alegórico barroco, que se não foi perdido totalmente, foi consideravelmente modificado no decorrer dos séculos.

A contar daí, não faltam problemas a comparar nem argumentos que se mostrem intransponíveis para admitir uma leve proximidade entre a peça que restou para com as fotografias por ora trabalhadas.

Da dialética do descaso ao inventário do porvir: outras revelações⁹

Não pode haver porvir para o nosso passado enquanto oscilamos entre os fundamentalismos que reagem frente à modernidade conquistada e os modernismos abstratos que resistem a problematizar nossa 'deficiente' capacidade de sermos moderno. (CANCLINI, 2001, p. 204)

Na opinião de Josefina Plá (1975), no apogeu do modelo reducional, cada igreja deveria possuir em média 100 imagens ornamentando seus interiores. Por sua vez, os inventários realizados em referência aos tempos decorrentes da presença da Companhia de Jesus na América demonstram números muito inferiores aos que foram advertidos pela pesquisadora. Pelo já mencionado inventário de Francisco Bruno de Zavala (1768), chega-se à constatação de que a localidade de São Borja comportaria nada mais do que 19 imaginárias¹⁰. Montante que voltou a ser ratificado em fevereiro de 1976, através de Armino Trevisan, quando da sua viagem de reconhecimento aos antigos povos missionários. (TREVISAN, 1978, p. 43) Acintosamente o número de 19 imaginárias acaba sofrendo uma leve alteração, se comparado com um inventário de 1784, onde se observa uma diferença de quatro imaginárias. Supostamente estariam a legitimar-

se por conta de que estaria incluído ao registro a existência de “cuatro Angeles de Maderas”.¹¹

Diante dos desencontros numéricos, a que contexto poderíamos atribuir a diferença gritante que envolve as propostas divergentes? Nossa opinião: a destonância começa a ser assumida desde o momento em que os religiosos são obrigados a deixar os povoados (1768) e conclui-se que até meados do século XIX, quando já se constata uma clara dispersão daqueles bens, para posses de particulares, uma vez que, “os Sete Povos passarão rapidamente ao estado de lugares abandonados”. (DREYES, 1927, p. 101) E é justamente visando confiar uma lógica para esse trânsito, que mais uma vez podemos observar a importância mantida nas abordagens de João Pedro de Gay:

Ilmo e Exmo Snr

Em resposta ao officio que Ilmo e V.S^a me dirigio à 30 de Agosto ultimo pedindo-me como Provedor da Episcopal Irmandade de N. S. dos Passos da Villa de S. Leopoldo, algumas imagens de Santos de que carece a Episcopal Irmandade para sua Capella, cujas imagens em sua visita nos povos de Missões V.S. vio existirem n'uns quartos dos antigos povos sem o decente culto pela Igreja exigida especialmente no deposito d'Imagens em S. Luiz; tenho a honra de participar à V.S. que desejando prestar-lhe este pequeno serviço e sobretudo praticar um acto de religião; salvando da destruição estas imagens, como salvei varias em S. Borja que mandei de novo encarnar e procurar que se lhes desse o devido culto, dirigi-me por antecipação à S. Luiz, para que estas imagens estivessem promptas à seguir de S. Borja para Porto Alegre, quando ao chegasse a authorisação que V.S. ficou de me enviar e comissionando ao cidadão Eloy J. Jacintho de as trazer, porém acaba de me dar parte o mesmo cidadão que o Inspector de quarteirão de S. Luiz se oppuz à que trouxessem as ditas Imagens, embargando-as e fechando o deposito aonde se achão com novas fechaduras.

Exprimindo-lhe o meu pezar, é tudo quanto por ora posso dizer à V.S^a, por que ainda não refleti nos meios que há de tomar à bem do culto destas Imagens, à pezar da opposição do bom do Inspector que quer por a mão no thuribulo. Creio que me enviando V.S. a authorisação que ficou de mandar não terei difficuldade em tirar e lhe enviar as Imagens.

Deus Guarde à V. S^a Villa de S. Borja, 1º de outubro de 1856.

Ilmo Snr Dr José Antonio do Valle Calore e Fião

Digmo Provedor da Episcopal Irmandade de

N. S. dos Passos em S. Leopoldo.

O Vigario: João Pedro Gay. (A.H.R.G.S. AR 12 Maço 24 Clero Católico – Paróquias)

Acreditamos não ser repetitivo admitir que a diversidade constatada foi se deformando gradativamente até tornar-se totalmente inexistente. Em contrapartida, não podemos simplesmente fazer uso destas observações, sem antes situá-las a uma incansável luta do vigário naquilo que consistiria referir como advertências de

resguardo. E suas ações frente ao interesse por preservar ou concentrar posse a determinados objetos da Arte Sacra Barroca é um demonstrativo do quanto foi engajado em situações de difícil convencimento. A essas atribuições, é possível entrever uma flexibilidade teórica da qual torne possível traçar uma série dramática da potencialidade que foi perdida. Para isso é bom que se tenha em vista que:

O Povo de São Borja, na época da conquista dos Brasileiros, possuía uma rica Matriz, existiam tempos formosos nos outros Seis Povos das Missões. A Matriz de São Borja tinha três naus, seu cumprimento era mais ou menos de 200 palmos e sua largura de 100. A Capella Mor tinha 50 palmos, em quadro com seus competentes consultorios dos lados. Possuía dita Matriz brilhantes alfaias de pano dourado e prateado; numerosos altares bem lavrados e dourados; muitos [sic] de ouro e de prata; batistérios e numerosas imagens em perfeito estado; Grande porção de sinos estavam suspensos em sua modesta torre. Dita Matriz com suas riquezas, nada tinha custado à Nação Brasileira que não soube conservá-las. Pelo descuido dos Administradores e Governadores de Missões e por causa das contínuas guerras de que Missões foi principal teatro durante vários anos os templos dos Sete Povos das Missões forão se arruinando e caindo. De balde os moradores de S. Borja em 1827 por meio de uma Subscrição trataram de reparar a sua Igreja. Eles não puderam obstar a sua próxima e inminente ruína. Cairão os Templos Jesuíticos de Missões e suas riquezas, suas alfaias, suas pratas, seus retablos, seus sinos foram sucessivamente ou roubados ou levados para outras Capelas da Província; Alegrete, Cruz Alta, Rio Pardo, Caçapava possuem alfaias de Missões.¹²

Para uma dificuldade por conceituar a temática dos bens móveis como um problema ainda presente – uma vez que admitir a opinião sistemática sobre a mobilidade é, então, sempre dizer muito – haja vista a diversidade compreendida a temática, e dizer pouco, pois é difícil contentar-se frente a algo que supostamente deixou de existir. E, em meio a novas possibilidades de análise, é prudente compreender a prática de descaso como uma prática normal e de fácil assimilação. Em contrapartida, parte das considerações não podem se afastar ao fato que “el patrimonio se produce en una situación de tensión entre la razón y el sentimientos, entre la reflexión y la vivencia”. (PRATZ, 2004, p. 13) Essa característica, especificamente de foro de personalidade foi uma constante na pessoa do Vigário, como deixa admitir em ofício para o então Deputado à Assembleia Geral e também Presidente da Província de São Pedro, o senhor Spiridião Eloy de Barros Pimental:

Faz treze annos, Ex.mo Sñr, que eu tinha desconfiança que vou relatar, más dou os parabens a minha fortuna de ter adquerido certeza d'elle na ocasião em que o Brasil precisa mais de recursos. Indo percorrer no mes de Janeiro ultimo com o distincto

geologo Nathaniel Plant, mui honrado Ingles, os antigos Povos Jesuíticos da margem Oriental do Uruguay para fazermos exames geologicos e minerologicos, de cujas investigações mandei já às Notas datadas de 9 de fevereiro para serem publicadas no Correio do Sul em Porto Alegre, encontremos no antigo Povo de S. Lourenço um velho sino bastante grande, muito mal fundido e em mau estado do qual cortemos uns pedaços mui pequenos e pelo exame que se tem feito posteriormente destes pedaços n'elles se encontrou bastante prata misturada com cobre e nichel, com apparencia de uma pequena mistura de ouro. Dito sino esta attirado na varanda do antigo Collegio Jesuítico de S. Lourenço, exposto à ser roubado assim como desde princípios de 1860, roubarão um sino da velha torre de S. Luiz. Sinto não ter conservado pedacinho nenhum do metal d'esse sino para o enviar para amostra à V. Ex.ia.

Porém junto envio uns pedacinhos de metal de outro sino que se acha em S. Borja, e que encontrei no chão debaixo da velha torre em princípios de 1850, e qual anteriormente me fez nascer desconfiança do facto que relato. Estes pedacinhos que mandei cortar de proposito para enviar à V. Ex.ia parecem conter prata e ouro em quantidade do que V. Ex.ia se verificará mandando proceder a seu exame (Grifos de Cônego Gay). (Villa de S. Borja, 9 de março de 1863. A.H.R.G.S. AR 12 Maço 24 Clero Católico – Paróquias)

Potencialmente, o que estamos a ratificar condiz com as memórias que possam melhor retratar, não só um comportamento de época, mas ainda um comportamento de descaso muito regular aos dias contemporâneos. (COLVERO; MAURER, 2009; RODRIGUES, 2011, p. 251-262). Todavia, a metodologia que mantemos em curso, para comportar tais agravos, reconhece a origem do problema e seus mediadores iniciais. E, até onde os documentos indicam, é possível admitir um consenso de que a descaracterização do território missioneiro já pairava na villa de São Francisco de Borja desde a terceira década do século XIX, quando por vontade política dos cidadãos decidiram “mandar-se por em pasta publica, e arremathar quem mais der não só os quartos ou casebres dos Indios, que circundão a praça da Matriz, mas também os demais quartos, que se denominão = Collegio = que são iguaes a aquelles, e que ameação prompta ruina”.¹³

Como pudemos entender, algumas considerações tiveram de ser acrescidas a um conjunto de várias interferências até caracterizar uma zona de abandono e, assim, não levaram em consideração uma lucidez que pudesse recompor o universo de outrora aproveitando a potencialidade dos mesmos, contudo, “de outro lado, a estatuária, no início do século XIX, tinha mais valor de uso do que de mercado”. (AHLERT, 2011, p. 184)

Aliás, conforme a passagem do folclorista Aparício Silva Rillo, chega-se ao conhecimento de um fato inusitado envolvendo o padre Hermenegildo Gambetti (1919), que por conta de ter comercializado algumas peças, dentre as quais a de um

“monumental Santo Inácio de Loyola, foi sequestrado por rapazes da sociedade local, colocado num barco e largado nu na outra margem do rio Uruguai, não tendo jamais voltado a São Borja” (RILLO, 1982, p. 15).

Curiosidades à parte e já decorridos alguns anos do fato descrito, ocorre que em 2013 a localidade foi novamente surpreendida com o anúncio de que a família do ex-presidente deposto João Belchior Marques Goulart estaria repassando ao município uma peça que supostamente foi raptada da localidade, quando da invasão tropas paraguaias de Solano Lopez, no mês de junho de 1865.¹⁴ A contar daí, quem poderá garantir que dentre episódios, como o que compõe o histórico dessa peça, não esteja integrado a uma relação de perdas imensuráveis?

A essas incertezas, parece-nos aproveitável situá-las como partes de um mosaico que ainda merece ser preenchido no sentido de reforçar a máxima de que “qualquer imagem pode servir como testemunho histórico” (BURKE, 2005, p. 20). E a isso não se distingue valor nem se emprega tempo, se estes algum dia se justificarem plenos ao contingente de pessoas, estas possivelmente ficariam encantadas ao saber dos seus paradeiros ou da existência de peças que sequer imaginam existir nos dias de hoje. Ademais, qualquer síntese que façamos para ações do passado acabam por encobrir a realidade atual e isso justifica uma antítese de proporções irreversíveis como chegamos a retratar em outras oportunidades. (COLVERO; MAURER, 2009)

Ao final, ruínas, pilhagens e o sentimento de impotência sobre o que foi perdido

O dever de um parócho é de zelar pelos interesses da sua paróchia e de procurar para o bem da Religião e do Estado, que os seus freguezes conheçam a doutrina salutar do Evangelio e pratiquem seus santos preceitos. Más sem templo ou com uma igreja quasi em ruínas e de irreverente aspecto, é impossível que os fieis se formem a ideia majestosa que elles devem ter dos sagrados mysterios e que o parócho possa os apascentar conveniente e lhe administrar os sacramentos com aquella decencia que elles requerem.¹⁵

Faltaria tecermos alguns comentários, não por menos breves, sobre as influências ou pensadores que supostamente tiveram uma importância nas concepções mantidas pelo nosso personagem principal. Em alguns rascunhos que

por ora não puderam ser aproveitados, é possível constatar que o francês João Pedro Gay tivera por inspiração Plutarco, Platão, Rosseau, Montaigne e Volney. Inclusive, traduzir algumas concepções ontológicas em comparação a um desuso recorrente daqueles patrimônios requer reconhecer o desgaste por sobre perdas. Essa barreira o franco-brasileiro não conseguiu transpor. E o que se verifica com passar dos anos é um Cônego Gay já demasiado desesperançoso em meio a outras intenções que não mais lhe diziam respeito:

Il^{mo} e Ex^{mo} Snr

Tenho a honra de participar à V. Ex^{ia} que indo em principios deste mes em visita parochial ao antigo Povo de S. Luiz em Missões, achei o Collegio dos Jesuítas ocupado por quatro familias e o quadro da praça, que com o Collegio são proprios Nacionaes ocupado por oito familias das quaes quatro são negociantes. No telhado da Igreja em ruinas reparei falta de uma porção de telhas que me disserão terem sido tiradas por dous figurões.

Apezar de não estarem mais sob minha vigilancia varios objectos por determinação do antecessor de V. Ex^{ia} recomendei muito a conservação dos Imagens que ainda ali se achão. Corta o coração Ex^{mo} Snr, à ver a maneira desembaraçada com que ahi e nos mais Povos cada um determina à seu bel prazer do que pertenceo aos Povos, ora cortando arvores, laranjeiras, ora carregando e raxando madeiras preciosas. Desde 1851, tenho escripto à Presidencia à este respeito; e o faço ainda uma vez, confiando no zelo patriótico de V. Ex^{ia} que de certo dará alg.^a providencia à este respeito, e eu ficarei em fim consolado vendo que minhas incessantes reclamações não ficarão sem effeito.

Deus Guard à V. Ex^{ia} muitos annos.

Villa de S. Borja, 11 de Agosto de 1858.

Il^{mo} e Ex^{mo} Snr Conselheiro Angelo Moniz da S^a Ferraz.

Senador do Imperio e Dig^{mo} Presidente desta Provincia.

O Vigario: João Pedro Gay. (A.H.R.G.S. AR.12 MAÇO 24 Clero Católico – Paróquias)

Não é preciso dizer que, aparentemente, as informações foram dadas não apenas para confiar uma solidão como também ratificariam uma paisagem de letargia, da qual atingiu proporções consideráveis ao ponto de não chamar mais a atenção das autoridades competentes. Pesadas as circunstâncias, sem qualquer exagero de emprego à temática em questão, nos leva a ter de admitir a hipótese de que o poder também teve de ser representado por meio dos patrimônios - ou melhor dizendo - dos procedimentos que os mantinham sob posse de particulares ou dos templos que reservavam alguma importância, para comportá-los em meio a escombros e ruínas que já sinalizavam a sua impotência em tempos um tanto quanto longínquos.

E, ao final, o que se percebe é um intelectual já desacreditando inclusive dos seus próprios esforços, como deixa subentender na passagem em destaque:

Il^{mo}. Ex^{mo} S^{ñr}.

Tenho a honra de levar ao conhecimento de V. Ex^{ia}. que tendo ido em fins de julho ultimo exercer o ministerio parochial na freguesia de S. Luiz desta Comarca e neste Municipio, ahi foi informado do facto que é do meu rigoroso dever levar ao conhecimento de V. Ex^{ia}. No mes de fevereiro ultimo apparecerão no antigo Povo de S. Lourenço, que faz parte da freg^a. de S. Luiz, o P^e. Luiz M^a. Marsou Vigario encomendado de S^{to}. Angelo, o Cap. Antonio Antunes da Costa e outro individuo que dizem ser morador do Passo do Juhy Grande por nome Manoel Ayres, os quaes já levarão duas carretas, nas quaes carregarão cinco imagens grandes do antigo Povo de S. Lourenço (Senhor morto, S. Miguel, S. Izidro, S. José e o S^{ñr} dos Passos) e tambem o unico sino que ahi existia do qual fallei circunstanciadamente à V. Ex^{ia}. (...) Eu tenho conservado nos povos antigos decete jurisdição a uma pessoa de confiança encarregada de cuidar da Imagens. No Povo de S. Lourenço se achava encarregado por mim na occasião que levantarão as cinco imagens e o sino o indigena Julião Taupa, o qual querendo se oppor a pretensão se lhe disse, que assim procedião por ordem de S. Ex^{ia}. Rev^a. O mesmo Julião Taupa me dei esta parte à 27 de julho ulttimo, cuja parte me foi confirmada pelos ditos de todos os [sic] do Povo antigo de S. Lourenço.

A vista do exposto fico exonerado de cuidar de mandar cuidar dos objectos pertencentes as antigas Reduções de Missões e em particular do sino de S. Lourenço e das Imagens e outros objectos pertencentes ao dito Povo, e tambem de S. Luiz e de S. Nicolau, onde pode acontecer que da mesma maneira se saque o pouco que ainda ahi existe, tem que se no dé a menor participação.

Deus G. a V. Ex^{ia}.

S. Borja, 15 de Ag^{to}. De 1863.

Il^{mo}. e Ex^{mo}. S^{ñr}. D^r. Espiridião Eloy de Bairos

Dig^{mo}. Presid^e de Provincia. (I.H.G.B. Coleção Padre Gay – DL 406-24)

Essas situações nosso entendimento, estiveram de alguma forma dispostas a um cenário que justificaria a atuação do personagem em destaque. E é amparado nestas que propomos uma dupla legibilidade de coisas e registros, tendo presente o fato e o reconhecimento perante o uso da informação e os procedimentos que poderiam ter sido adotados na tentativa de amparar os bens móveis missioneiros. No entanto, a sua atuação frente ao impossível nos inspira a duas hipóteses: fazer parte do imaginário - como aqui se depreende - ou ganhar forma e gerar uma organicidade de preservação - o que a nós seria mais digno, haja vista a insistência e o desgaste que teve quando da sua época. Todavia, é bom que se diga que, qualquer que seja a contribuição que possamos dar ao reconhecimento acurado das perdas, elas só estarão a legitimar fatos que o próprio Gay já demonstrara com

propriedade, que tratava-se de uma tarefa audaciosa, embora, de recordações estimáveis como deixam transparecer as palavras a seguir:

Mas o que, por modo algum, deixará de ser minuciosamente veneradas, e que parecem condenadas pelos reformadores ao mais completo e injusto aniquilamento. Se não conseguirmos salva-las, pois que nossos hombros fraqueiam, temos fê não clamaremos em balde por mais robusta, por penna mais habil, que conte aos porteros, o que são e o que foram, os povos de Santo Angelo, São João Baptista, São Miguel, São Lourenço, São Luiz Gonzaga, São Nicolau e São Francisco de Borja, com suas monumentaes bazilicas, seus campanarios repletos de sinos, ahi mesmo fundidos, nada lhes faltando para a magestade do culto catholico.¹⁶

Ao conjunto, o critério histórico assumido pelo religioso promove uma série privilegiada de interpretações incompatíveis não só para o tempo das suas considerações, mas também, para um futuro que naquela altura já demonstrava seus efeitos irreversíveis. Verdade ou não, é possível constatar que “por último, desde fines del siglo XIX y hasta la actualidad, llegan en manos de particulares como piezas de colección con valor estético o economico, geralmente ambos”. (CURBELO; BERGATTA, 2012, p. 11).

Pena que a nós, leitores, especialistas ou não, resta sensibilizar-nos a uma dialética do descaso. E nestas condições, compreendemos que poderíamos acumular consideráveis hipóteses, inclusive admitir a possibilidade de que os assuntos por ora tratados não passam de meras ilustrações sobre circunstâncias factíveis ou sugeridas ao momento dos seus registros. Ademais, qualquer semelhança aos dias contemporâneos, não indicará nada mais do que uma simples e desconfortável semelhança.

Por fim, existe a possibilidade concreta de que algumas dessas referências poderiam estar sendo melhor aproveitadas - se assim fosse de interesse por qualificá-las a um desenvolvimento local,¹⁷ sobretudo que já demonstram consideráveis acréscimos quando abordados em sala de aula. (QUEVEDO; RODRIGUES, 2013, p. 261-273)

NOTAS

1. João Pedro Gay, em ofício ao Bispo Capelão Mor, Conde de Irajá, 13 de outubro de 1848. I.H.G.B. Coleção Padre Gay: DL 406.24.

2. João Pedro Gay, conforme análises de Abellardo Barreto (1973, p. 574-579), teria nascido Château-Roux (Altos Alpes, França) em 20 de novembro de 1815. Tudo indica que tenha sido influenciado por seu tio, o Padre Luís Gay, a seguir os ofícios religiosos. Em 1842, via diocese de Gap, obteve licença para se colocar a caminho da América. Teve uma passagem de três anos em Cerrito de Montevideo. Em princípios de 1843, viaja para o Rio de Janeiro e de lá seguiu para a Comarca de Laguna – Santa Catarina. Em 1847 foi nomeado vigário para a Comarca de Alegrete e aí permaneceu até os idos de 1848, quando decidiu realizar um novo concurso em 1849. Em 24 de Fevereiro de 1850 foi empossado, em São Borja. Nesse tempo fez consideráveis realizações, chegando inclusive a fundar a maçonaria na localidade. Teve como amigo pessoal o botânico francês Aimé Bompland. Quis o destino que viesse a falecer em Uruguaiana em 10 de maio de 1891, em decorrência dos ferimentos que teria acumulado ao ser atropelado por um carro (cavalo) em disparada. Fez mais de duzentos sermões. Foi correspondente do IHGB, elaborou consideráveis estudos sobre a região missioneira e foi prova ocular da Invasão Paraguaia em solo brasileiro. Ainda sobre a trajetória do religioso, caberia recorrer: BARRETO, 1973; GUIMARÃES, 1938. (Apud. GAY, 1973, p. 196). BARRETO, 1929. (referência e foto de GAY, 1973, p. XXII).
3. Descrição comumente reproduzida pelo próprio religioso quando se dirigia à localidade. Acervo variado: A.H. M.S.B.
4. Desde logo chamamos atenção que as citações diretas utilizadas ao curso da nossa exposição estão mantidas na grafia e na pontuação original.
5. O dito estágio de restauro ou edificação (outro termo muito empregado ao problema de fundo), que supostamente se encontrava a igreja de São Borja, de fato nunca aconteceu. Contudo, várias foram as tentativas de Cônego Gay e seus antecessores para que esse fato se tornasse real. O problema já havia sido alertado nos idos de 1833, pelo então padre Cariolano dos Passos. Ao momento de chegada de Gay, as ações são retomadas e nota-se uma movimentação consistente no ano de 1846 – um ano antes da sua chegada à Vila de São Borja. Contudo, a sequência de fatos atribuídos ao problema ganhou novas características assim que o vigário, e demais autoridades interessadas da temática, descobriram um desvio supostamente praticado pelo construtor do templo, o italiano Valdir Scolla. Desde então, os fatos deixaram de conter importância para a Thesouraria da Província e como se não bastasse, coube ao Cônego Gay reservar-se em angústias por não ver seu templo restaurado até o momento da sua despedida da vila em 1874.
6. Retirada originalmente da *Revista do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*. Rio de Janeiro, n. 5, p. 105-169, 1941.
7. O inventário foi realizado em decorrência da expulsão dos jesuítas do território missioneiro. Originalmente, foi publicado pela primeira vez na Espanha no ano de 1872, sob o título: *Inventários de los mueves hallados a la expulsión de los Jesuítas de sus temporalidades por decreto de Carlos III en los pueblos de Misiones, fundados en las márgenes del Uruguay y Paraná, en el Gran Chaco, en el Pais de Chiquitos y en el del Mojos. Cuyos territorios pertenecieron luego al Virreinato de Buenos Aires – con introducción y notas*. Madrid, 1872. Entretanto, existe uma análise compilatória dos inventários dos sete povos para a língua portuguesa, vide: DO NASCIMENTO; OLIVEIRA, 2008. Neste mesmo referencial, conferir a apresentação realizada por Júlio Quevedo que traz por título “Os Inventários dos Sete Povos das Missões: o contexto histórico”, p. 9-37.
8. Da esquerda para a direita, as imagens que ainda são parte do acervo municipal e que é possível comparar com a fotografia: Santo Inácio de Loyola, um candelabro estrela, um nicho ao centro e o Senhor dos Passos à direita.
9. A dialética do descaso ainda necessita uma melhor abordagem e certamente terá de ser retomada a médio prazo. Contudo, fizemos uso da narrativa para ilustrar a deformação e a perda do patrimônio móvel missioneiro como um todo, no que pese à forma deliberada e o não resguardo daqueles nas localidades que os detinha e que infelizmente ainda se assiste recorrentemente no município de São Borja no tempo imediato.

10. A fins de registro, essas imaginárias corresponderiam à imagem do santo padroeiro – São Francisco de Borja, São Ignácio de Loyola, São Xavier, São Luiz Gonzaga; São Estanislau; três Santos Mártires; oito crucifixos; um Cristo morto; quatro virgens mártires; Santa Rosa; Santa Bárbara; São José; Santo Antônio de Pádua; Santo Isidro; São Miguel e quatro anjos. Informações retiradas de Inventário do Povo de São Borja. Compilação de Anna Olívia do Nascimento. In: NASCIMENTO; OLIVEIRA, 2008.
11. Vide: *Ymbentario General Razon y Noticias de el Pueblo de Real Corona Nombrado San Fran^{co}. de Borxa formado por orden el Sr. Governador Yntend^{te}. Super Yntend^{te}. pen^l. de R^l. Hac^{da}. de este virreynatoc q^e. Cotiene 25 foxas utiles sin inducion de el Estado Docum^{eo}. Num^o 26. A.G.N.A. Sala IX: 22.8.2. División colonia – sección Gobierno. Temporalidades de Bs. As. Paraguay, 1780-1809. Año 1784. Documento Numero 20. Pueblo de San Borja.*
12. A copilação ficou registrada como Art. 9º Adjutorio para a Igreja Matriz de São Borja. E teve como destinatários Silvano José Monteiro d’Araujo e Paula, Presidente e mais vereadores da Câmara Municipal da Villa de S. Borja em Missões. Traz como local e data de registro a Villa de S. Borja, 11 de janeiro de 1858. A.H.R.G.S. AR 12 Maço 24 Clero Católico – Paróquias.
13. Essa transcrição data de 1834. Assinam o documento, Manoel dos Santos Loureiro, Tem. Cor. Jose Corrêa da Silva Guimaraes, José dos Santos Carvalho, Candido Guimarães, Vasco Jose Guimarães, Evaristo Jose Guimarães, Jose Francisco Guimarães, O Vigário José Cariolano da Souza Passos, Ramão Trois, Laurindo Vaz, Manoel Ignacio Pimenta, Domingos José da Silveira, Manoel Jose da Silva, Francisco Roballo, Esimar Franco, [sic] Miranda, Justino Silva, João Ferreira Barbosa, Joaquim de Oliveira Pompeo, Rafael Neto, Fabiano Pires da Moreira, Domingo Molina, Antonio Deoclecino, João Christiã Hoffmann, Jacob Manuciler, João Lopez Lencina, Thenorio Jose da Silveira, José Joaquim de Castro, João Sheling, Antonio Gonçalves da Motta, Pedro G. Caminha, Francisco José Martins, O cirurgião Mór Joze Joaquim de Oliveira Gomez, José Mario Barbara Moreno, [sic] Luiz da Silva, José [sic], Joaquim Lopes Viera, Joze Antunes Montheiro, Jeronimo Trois Mafar, Jacintho Jose Soarez, Jose Joaquim Ribeiro, Joze Francisco Aliz [sic], Fulgencio José da Silveira, Juan Gregorio Gomes, José Pedro Pereira Escobar, Tristão de Araujo Nóbrega, Manoel Silveira Lago, Francisco Joaquim da Silva, Marcelino José da Silveira, Bernardo de Abreu, José da Silva, Manoel Martin Castilho, Luiz Parré, Francisco da Silva Pereira, Manoel Joze da Villa, [sic] Fessé, Francisco Silva [sic], Manoel Duarte, Bernardo [sic], Anicato Mergano, Pedro Parré. A.H.R.G.S. Maço 10 Caixa AR 5 – Fundo Autoridades Municipais (A.M.U. 231/124). 1834-1836; 1844-1847 – Câmara Municipal de São Borja.
14. Esse fato, se levamos em consideração as passagens expostas por Cônego Gay na sua obra *Invasão Paraguai*, pode ter relação com os episódios decorrentes do dia 13 de junho de 1864, quando os paraguaios resolveram entrar no templo local e “saquear” o que potencialmente continha algum valor. Vide: GAY, 1980.
15. João Pedro Gay, 27 de novembro de 1855, em correspondência para o Barão de Muritiba, Senador do Imperio, Presidente da Província do Rio Grande do Sul. AR 12 Maço 24 Clero Católico - Paróquias.
16. Esse trecho foi retirado de um artigo que traz por título *Viagem a missões*. Trata-se de uma análise seriada em três edições consecutivas do periódico oitocentista Mercantil. Vide: *Mercantil*, n. 122, quarta-feira 31 de maio de 1882. A continuação da crônica se deu nos dois números seguintes do periódico, ns., 124, sexta-feira 2 de junho de 1882 e 125 – sábado, 3 de junho, sábado de 1892. Seu autor não se fez reconhecer em firma, mas em comparação a rascunhos e bilhetes do próprio religioso é possível chegar-se à ciência de que o conteúdo foi trabalhado e supostamente escrito por João Pedro Gay. A.P.H.C.
17. A esse caso, caberia indicar as análises desenvolvidas por: OOSTERBEEK, 2007; DE VARINE, 2012.

ACERVO CONSULTADO

- A.F.F.G.P. Acervo fotográfico família Gottfried Prendel.
- A.G.N.A. Arquivo General de la Nación Argentina. Buenos Aires
- A.H.R.G.S. Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul. Porto Alegre
- A.H.M.S.B. Arquivo Histórico Municipal de São Borja. São Borja.
- A.P. H.C. Arquivo Público Hipólito da Costa. Porto Alegre.
- I.H.G.B. Instituto Histórico Geográfico Brasileiro. Rio de Janeiro.

REFERÊNCIAS

- AHLERT, Jacqueline. Ruínas na terra do porvir. In: COLVERO, Ronaldo; MAURER, Rodrigo (org.). *Missões em mosaico: da interpretação à prática: um conjunto de experiências*. Porto Alegre: Faith, 2011, p. 183-194.
- ALTOE, Valeriano. *O altar e o trono – um mapeamento das idéias políticas e dos conflitos entre Igreja/Estado no Brasil (1840-1889)*. Niterói, 1993. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal Fluminense.
- AQUINO, Brasil F. *Colcha de retalhos: memórias de um são-borjense*. S.n.t., 1988.
- ÁVIL, Affonso. *O lúdico e as projeções do mundo barroco*. São Paulo: Perspectiva, 1971.
- BALDOTTO, Gianni; PAOLILLO, Antonio. *El barroco en las reducciones de guaraníes: Provincia del Paraguay 1609-1768*. Treviso: G. Baldotto, 2004.
- BAPTISTA, Jean. *O temporal*. São Miguel das Missões: Museu das Missões, 2009.
- BARRETO, Mario. *Campanha Lopezguaya*. Rio de Janeiro: Papelaria Brazil, 1929. v. 3.
- BARRETO, Abeillard. *Bibliografia sul-riograndense: a contribuição portuguesa e estrangeira para o conhecimento e a integração do Rio Grande do Sul*. Rio de Janeiro: Conselho Federal de Cultura., 1973. v. 1.
- BOFF, Claudete. *A imaginária Guarani: O acervo do Museu das Missões*. Santo Ângelo: EDIURI, 2005.
- BAYÓN, Damián; MURILLO, Marx. *Historia del Arte colonial Sudamericano*. Barcelona: Polígrafa, 1989.
- BRABO, D. Francisco J. *Inventários de los muebles hallados a la expulsión de los Jesuítas de sus temporalidades por decreto de Carlos III en los pueblos de Misiones, fundados en las márgenes del Uruguay y Paraná, en el Gran Chaco, en el Pais de Chiquitos y en el del Mojos. Cuyos territorios pertenecieron luego al Virreinato de Buenos Aires – con introducción y notas*. Madrid, 1872.
- BROWN, Peter. *A ascensão do cristianismo no Ocidente*. Lisboa: Presença, 1999.

- BURUCÚA, José E. Ángeles arcabuceros: milenio, anticristo, judíos y utopias en la cultura barroca de América del Sur. *Temas medievales*. Buenos Aires, n. 3, 1993.
- BURKE, Peter. *Visto y no visto: el uso de la imagen como documento histórico*. Barcelona: Crítica, 2005.
- CANCLINI, Néstor G. *Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. São Paulo: Edusp, 2011.
- CASTELNAU L'ESTOILE, Charlotte. *Les ouvriers d'une vigne sterile: lês jesuites et la conversion dês indiens au Brésil*. Lisboa: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses; Paris: Centre Culturel Calouste Gulbenkian, 2000.
- COLVERO, Ronaldo; MAURER, Rodrigo. São Borja e seu patrimônio quase “esquecido”; o caso das Missões Jesuíticas na Terra dos Presidentes. In: *IV Congresso Internacional de História*. Maringá, 2009. Disponível em: <http://www.pph.uem.br/cih/anais/trabalhos/313.pdf>.
- COLVERO, Ronaldo; MAURER, Rodrigo (org.). *Missões em mosaico: da interpretação à prática: um conjunto de experiências*. Porto Alegre: Faith, 2011.
- COSTA, Lúcio. A arquitetura dos jesuítas no Brasil. *Revista do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*, Rio de Janeiro, n. 5, p. 105-169, 1941.
- CURBELO, Carmen; BERGATTA, Luis. Imágenes multiculturales: origen, significado y uso de imaginería jesuítico misionera a partir de un enfoque interpretativo. *Estudios Historicos – CDHRPyB*, ano 4, n. 9, 2012.
- DA SILVEIRA, Hemetério V. *As missões orientaes e seus antigos domínios*. Porto Alegre. Typografia da Livraria Universal de Carlos Echenique, 1909.
- D'EU, Conde. *Viagem militar ao Rio Grande do Sul*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Edusp, 1981.
- DE VARINE, Hugues. *As raízes do futuro: o patrimônio a serviço do desenvolvimento local*. Porto Alegre: Medianiz, 2012.
- DÍAZ-PLAJA, Guillermo. *El espíritu del Barroco*. Barcelona: Apolo, 1983.
- DO NASCIMENTO, Anna O.; OLIVEIRA, Maria I. (org.). *Bens e riquezas das Missões*. Porto Alegre: Martins, 2008.
- DREYS, Nicolau. *Notícia descritiva da província do Rio Grande de S. Pedro do Sul*. Rio Grande: Biblioteca Rio-Grandense, 1927.
- FURLONG, Guillermo. *Los jesuítas y la cultura rioplatense*. Montevideo: Urta y Curbelo, 1933.
- GAY, João Pedro. *Invasão paraguaia na fronteira brasileira do Uruguai*. Porto Alegre: Instituto Estadual do Livro; Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes; Caxias do Sul: Universidade de Caxias do Sul, 1980.
- GUIMARÃES, Arceu. *Diccionario bio-bibliographico brasileiro: de diplomacia política externa e direito internacional*. Rio de Janeiro: Ed. do Autor, 1938.
- GUTIÉRREZ, Ramon (coord.). *Pintura, escultura e artes útiles en Iberoamérica, 1500-1825*. Madrid: Cátedra, 1995.

ISABELLE, Arsene. *Viagem ao Rio Grande do Sul (1833-1834)*. 2. ed. Porto Alegre: Martins, 1983.

MAEDER, Ernesto; GUTIÉRREZ, Ramón. La imaginería jesuítica en las misiones del Paraguay. *Anales del Instituto de Arte Americano e Investigaciones Estéticas "Mario J. Buschiazso"*, Buenos Aires, n. 23, p. 99-114, 1970.

MARAVALL, José A. *La cultura del Barroco*. Barcelona: Ariel, 1975.

MAURER, Rodrigo; COLVERO, Ronaldo. Legados jesuíticos em São Borja: um patrimônio que sofre na terra dos presidentes. *1er. Congreso Iberoamericano y VIII Jornada "Técnicas de Restauración y Conservación del Patrimonio"*. La Plata, 2009.

MEYER, Augusto. Relíquias dos Sete Povos. In: *Prosa dos pagos*. Rio de Janeiro: São José, 1960.

NUNES, Benedito. O universo filosófico e ideológico do barroco. *Barroco*, Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, n. 12, 1982-1983.

OLIVEIRA DE OLIVEIRA, Marilda. *Identidade e interculturalidade: história e arte guarani*. Santa Maria: Editora UFSM, 2004.

OOSTERBEEK, Luiz. *Arqueologia, patrimônio e gestão do território: polémicas*. Erechim: Habilis, 2007.

PATRIMÔNIO JESUÍTICO. *Primer Encuentro del Mercosur*. Buenos Aires: Suma Copy, 1999.

PINTO, Muriel; MAURER, Rodrigo. Quando a geo-história avança sobre os significados de um espaço urbano: as paisagens culturais e as transformações identitárias da fronteira Brasil - Argentina. *Eure*, v. 40, n. 120, 2014.

PLÁ, Josefina. *El barroco hispano guarani*. Asuncion: Editorial del Centenario S.R.L., 1975.

PRATS, Llorenç. *Antropología y patrimonio*. Barcelona: Ariel, 2004.

QUEVEDO, Júlio. Os inventários dos Sete Povos das Missões: o contexto histórico. In: NASCIMENTO, Anna O.; OLIVEIRA, Maria I. (org.). *Bens e riquezas das Missões*. Porto Alegre: Martins, 2008, p. 9-37.

QUEVEDO, Júlio; RODRIGUES, Márcia C. O "descaso" com o patrimônio histórico são-borjense: educação patrimonial em sala de aula. *Revista Latino-Americana de História*, v. 2, n. 6, edição especial, p. 261-273, 2013.

RILLO, Aparício; O'DONELL, Fernando. *Populário são-borjense*. São Borja: Nova Prova, 2004.

RODRIGUES, Fernando. Estatuária missioneira: da idolatria ao fogo. In: COLVERO, Ronaldo; MAURER, Rodrigo (org.). *Missões em mosaico: da interpretação à prática: um conjunto de experiências*. Porto Alegre: Faith, 2011, p. 251-262.

SAINT-HILAIRE, Auguste de. *Viagem ao Rio Grande do Sul*. 2. ed. Porto Alegre: Martins, 1997.

SUSTERSIC, Darko B. *Arte jesuítico-guaraní y sus estilos*. Buenos Aires: Editorial de la Facultad de Filosofía y Letras – UBA, 2010.

THEODORO, Janice. *América barroca: temas e variações*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; São Paulo: Edusp, 1992.

TREVISAN, Armindo. *A escultura dos Sete Povos*. Porto Alegre: Movimento, 1978.

VIEIRA, Mabel L.; COUTINHO, Maria I. *Inventário da imaginária missioneira*. Porto Alegre: IPHAN; Comissão 300 anos, 1993.

WEISBACH, Werner. *El barroco, arte de la Contrarreforma*. Madrid: Espasa – Calpe, 1948.

WÖLFFIN, Heinrich. *Renacimiento y barroco*. Barcelona: Paidós, 1986.

WÖLFFIN, Heinrich. *Renascença e barroco: estudo sobre a essência do estilo barroco e sua origem na Itália*. São Paulo: Perspectiva, 1989.

Ronaldo Colvero é Professor da Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA), câmpus de São Borja, e Professor do Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL); ambas no Rio Grande do Sul. Doutor em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC/RS). Mestre em História pela Universidade de Passo Fundo (UFP). Graduado em Estudos Sociais pela PUC-RS.

Rodrigo Maurer é Doutorando do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Mestre em História pela Universidade de Passo Fundo (UFP) e Graduado em História pela Universidade da Região da Campanha.

Como citar:

COLVERO, Ronaldo Bernardino; MAURER, Ronaldo Ferreira. Olhares sobre o patrimônio móvel missioneiro: considerações de um franco-brasileiro e sua importância para os inventários contemporâneos. *Patrimônio e Memória*, Assis, SP, v. 16, n. 1, p. 365-389, jan./jun. 2020. Disponível em: pem.assis.unesp.br.